

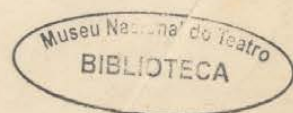
TEATRO

VOL. I

FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

762828

Doação
Elicenia Quartin



O C A I S

Personagens: O Homem,
O Rapaz-dos-jornais,
A Rapariga,
O Rapaz,
O Homem dos bilhetes

Ao levantar-se o pano o palco está vazio. Ouve-se a sereia dum barco, suavemente.

O Homem entra, apressado, com uma mala em cada mão.
Póisa as malas.

HOMEM

São quase horas. São quase horas. Não posso chegar tarde. Esta manhã mas porque é que eu estou a pensar nesta manhã? Já não vale a pena. O que é que aconteceu esta manhã? Ah! Havia umas poucas nuvens a encobrir o sol e eu quando cheguei à janela disse para comigo - parece que hoje não vai lá estar muito bom dia para começar a viagem.

Mas porque é que eu disse isso? e para que é que eu me estou a lembrar de tudo outra vez? Já não vale a pena pensar em hoje.

Quando lá chegar tenho a certeza de que hei-de ver sempre o sol mais transparente de toda a minha vida.

Mas não posso deixar de pensar em tudo o que já passou.

AMANHÃ

Peça Radiofónica

1.^a. Episódio

Personagens: SARA
CARLOS

Sara

Está deserta, a rua. Agora até a solidão vem da rua. Parece que nem são as mesmas casas... E se eu me fosse pôr lá fora especada a olhar as janelas ainda ficava mais sózinha. Estão fechadas e mudas as janelas...

E tu sentado nessa cadeira, todas as tardes nessa cadeira. Que horas animadas passamos, eu, tu, a tua cadeira e o teu cigarro. Como numa farsa as coisas também têm o seu papel. A tua cadeira é uma matrona co rada um tanto balofa e com umas bochechas risonhas. Como eu me divirto... A tua cadeira tem um ar de solteirona que nunca se casou por pudor mas que todas as noites sonha orgias desordenadas. E pela manhã lá vai ela, sorrateira, penitente, encharcar-se de água benta e segredar aos santos os apeti tes do corpo.

Gosto de fazer troça de ti, de tornar ridículo o que fazes, o que dizes, o que és. Vê lá se és capaz de te levantar? Por cobardia estás agarrado à tua cadeira. E ninguém passa na rua... Anda ver a solidão...

Carlos, a solidão!... Peço-te, levanta-te, anda ver a solidão. Pode ser que compreendas...

(Ruido de passos)

"JOÃO MANDRIÃO"

PRÓLOGO

CENÁRIO - Após as três pancadas sobe o pano devagar. A boca de cena uma cortina fechada serve de fundo a um espaço onde se encontra um frade.

FRADE - Meus senhores... (profunda reverência) Desejo-lhes santas tardes. Estais vós sentados neste teatro para assistirdes a uma representação teatral. Uma comédia qualquer, que vos não dará proveito. Coisa essa bem penosa para um frade capelão como eu. Assim não deve ser. Deste jeito resolvo eu a questão. Nada de farsas sem lei, mas sim sorrisos de fé. É como é. Resolvi a meu bom intento mudar o programa. Ides ver coisa de fama. Uma peça original, alegre mas sem ter mal, com sua moral no fim. For como for, esta é melhor. Imaginai uma aldeia muitos anos recuada. É uma aldeia atrasada. Boa gente vive nela. Trabalho é o seu pão, e lá ninguém falta ao trabalho, todos lhe dão a razão: o moleiro, o ferreiro, o carpinteiro, enfim... toda a população... toda é como quem diz. (suspiro) Que o João Sapateiro não faz em todo o ano. É um desgosto profundo que ele causa a todo o mundo da aldeia, que tem veia de trabalho.

ACTO ÚNICO

CENÁRIO - Abrem-se as cortinas. A cena representa uma cosinha de aldeia. A lareira ao fundo, uma porta, uma janela alta de onde se avista o casario. Duas cadeiras onde as aranhas tecem rendas, uma banca de sapateiro e João Mandrião dormindo a sono solto com a cabeça encostada à banca, junto da qual botas de solas rotas esperam que as consertem. Uma tabuleta diz-nos: "Sapateiro".

Batem à porta repetidas pancadas. Repetem. João move-se com bocejos de preguiça

JOÃO - (Acordando a esperguiçar-se) Hummmm... quem bate?

CRIADO - (De fora) Abra, sr. João!

JOÃO - Que manda V.M.?

CRIADO - Sou criado do cirurgião. Ora abra por favor.

AS VOZES

peça radiofónica

personagens:

a Mulher
o Homem
o Silêncio
um sino

SILÊNCIO

Vim devagar como uma cortina de névoa que ficasse entre a cidade e o vento e as palavras tornaram-se vazias de sentido e os vossos olhos dia a dia mais sòzinhos e entre os vossos braços nasceu uma lâmina de vidro. Estendem as mãos sem ver, e os dedos de súbito esbarram sempre ~~de~~ frente a frente e o vosso abraço já não é autêntico. Devagar como uma cortina de névoa...

MULHER

Uma cortina de névoa... Cala-te! Já não vale a pena falares. Não me lembro j'a de quem tu és.

(SINO)

E este sino, este sino é absurdo aqui. Aqui não pode haver senão a tua voz. E até nem sequer a tua voz. Cala-te. Não consigo lembrar-me de ti.

HOMEM

Não estava a falar. Há tanto tempo que não falo com ninguém. Nunha chamei ninguém. Estive sempre aqui, simplesmente. Um dia tu vieste. Sentaste-te à minha beira e disseste-me que eu falava. Disseste as minhas palavras e eu ouvi a minha voz no teu corpo. Mas sei que não tenho voz. Se falei foi porque estavas aqui. Tu disseste tudo por mim.

(SINO)

SILÊNCIO

Os gestos que nunca foram reais saíram de mim, morreram em mim como morre o mar numa manhã enevoadada.

A C A S A

peça em três tempos

Tempo I

personagens:

3 pedreiros: um rapaz
um homem
um velho

3 mulheres: uma rapariga
uma mulher
uma velha

coro de pedreiros:

4 vozes - coro I - 2 voz.
coro II - 2 "

Cortinas brancas. O coro está sentado em pedras do lado direito do palco. Em diagonal, da frente esquerda para o centro, uma parede de tijolo em construção. Um monte de tijolos na frente à esquerda. Na boca do palco três grandes pedras; uma ao centro, as outras próximas dos lados. Todos os personagens vestem fatos brancos de pedreiro.

Estão imóveis quando se abre a cortina. Luz fraca. Por momentos continuam imóveis. De súbito ouve-se a música de um acordeon. Iluminação forte. começam a trabalhar em silêncio.

Música e movimentos silenciosos dos pedreiros. Para a música.

Só os movimentos dos pedreiros. Ruído de tijolos.

Enquanto prossegue o diálogo os pedreiros continuam a construir a parede.

RAPAZ

O que é que nós estamos a fazer?

VELHO

Arrei! que já não aguento com as costas. Malditas pedras que não têm fim. Há dias e dias práqui com esta parede que a leve o demónio. Tinha a tua idade quando comecei...

HOMEM

Cale-se. Cale-se. Que uma pessoa até se cansa de o ouvir. Todos os dias desde manhã à noite nos anda com a mesma ladainha. Não serve de nada, não serve de nada... Fica sempre tudo na mesma...

CORO

À nossa frente, sempre uma parede. E todos os dias com as nossas mãos poisamos tijolo em cima de tijolo. E a parede sobe cada vez mais alta à nossa frente.

CORO I

E que fazemos?

CORO II

Que fazemos?

RAPAZ

O que é que estamos a fazer?

VELHO

Tinha a tua idade quando comecei. Há anos que vivo com milhares de paredes à frente dos meus olhos.
Outras... por outros sítios.
Esta e outras como esta...

O PÁSSARO DE PAPEL

1ª parte

1º tempo

personagens:

- o Dono da casa
- a Dona da casa
- o Hóspede
- o Homem-disfarçado
- a Vizinha
- o Senhorio
- o Homem

Noite. Acende-se a luz depois de aberta a cortina. Uma sala. Paredes nuas, uma mesa, quatro cadeiras. Duas portas, A e B. O Homem-disfarçado, a um lado do palco, de pé, imóvel, de costas para o público. Não tem qualquer disfarce, está vestido normalmente como os outros personagens.

Pela porta A entram o Dono da casa, a Dona da casa e o Hóspede, a conversar.

HÓSPEDE

Na verdade, o panorama que se avista da janela do meu quarto é magnífico. Estou encantado, verdadeiramente encantado. Tive muita sorte em encontrar uma casa tão bem situada. Para não falar nos donos que são uma simpatia.

DONO DA CASA

Para nós é um prazer ter um hóspede tão agradável. Sabe, foi com um certo receio que pus anúncio no jornal. A minha mulher que lhe diga o que hesitámos. Sim, é um tanto arriscado.

A R U A

peça radiofónica

personagens:

1º Cavalheiro

2º Cavalheiro

3º Cavalheiro

Durante toda a peça, ruído de carros eléctricos, automóveis, pessoas, variando de intensidade.

1º CAV.

Pode-me dizer as horas, por favor? Não sei se o meu relógio está certo. Ah, é muito aborrecido esperar.

2º CAV.

Não há nada pior, não há nada pior. A quem o diz... Uma pessoa chega a perder a paciência. Um quarto para as três.

1º CAV.

Um quarto para as três? Obrigado. Então o meu relógio sempre está a caminhar bem. Mas olhe que até parece mentira. Há que tempos que estou aqui e só passou um quarto de hora. Até faz pensar que as horas andam para trás quando se está à espera. Um quarto para as três, tem razão, sim senhor. E está para aqui uma pessoa sem fazer nada, há quinze minutos, à espera, quinze minutos que até parecem quinze horas.

2º CAV.

Olhe que eu também já estou farto. Quer mais calma que uma pessoa tenha os minutos não se cansam de passar. Isto é de se perder a paciência de vez e ir-se embora. Há mais de um quarto de hora que estou a ver passar carros eléctricos, como se eu tivesse muito tempo para perder. Eram duas e vinte cinco quando cheguei. Adiantado cinco minutos. O Silva tinha-me mandado dizer que estava aqui, em frente desta pastelaria, às duas e meia. Às vinte e cinco já eu cá estava. Afinal